

CONTORNOS DAS NAÇÕES LITERÁRIAS NO UNIVERSO DA “FALESCRITA”

*Maria Nazareth Soares Fonseca**

RESUMO

O trabalho discute a relação entre literatura e nação a partir da referência a tendências literárias expressivas na literatura africana de língua portuguesa. Salientam-se aspectos dessa literatura que exhibe, no trabalho com a linguagem, os intensos conflitos entre o projeto de nação e as manifestações da tradição oral.

A era atual talvez seja, acima de tudo, a era do espaço. Estamos na era da simultaneidade: estamos na era da justaposição, na era do perto e do longe, do lado a lado, do disperso. (Foucault, 1989.)

Esta exposição pretende ser uma retomada da relação entre literatura e nação, trabalhada de forma muito pertinente pelo texto de Wander Melo Miranda, que, na sua abordagem minuciosa, deixa pouca margem para questionamentos, embora instigue outras reflexões.

Gostaria, estrategicamente, de retomar o tema proposto pelo Seminário por um outro viés, partindo de referências a um tipo de literatura que se produz em espaços culturais, onde a defesa de um projeto de nacionalidade se fez em meio a intensas contradições, advindas, principalmente, do confronto entre etnias e culturas diversas. Nesses espaços, a literatura, em vários momentos, foi veículo efetivo de propagação das idéias de nacionalidade, do ideal de nação e teve uma feição marcadamente engajada, por vezes até panfletária. Exemplifica fartamente esse processo a literatura africana de língua portuguesa, quando o sentido político se mostra através de um efetivo trabalho com a linguagem, que se faz inventiva e ágil, criadora e criativa. A subversão do código, insistindo em evidências que fazem do português uma língua modelada pelos ritmos africanos, alude aos intrincados processos de constru-

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

ção de nacionalidade. É justamente, pois, a partir dessa literatura que pretendo retomar alguns pontos do texto do Wander Miranda, mais com o propósito de pensar sobre o *lugar* da literatura em projetos de nação que estão, de certa forma, se estruturando (ou se desestruturando) na era da globalização.

Para discutir a relação entre literatura e projetos nacionais modernos que se organizam em universos de tradição ancestral, recorro a alguns pressupostos teóricos que alicerçaram o trabalho do Wander Miranda: o conceito de nação e o trabalho da memória nas narrativas fundacionais.

Montserrat Guibernau, em **Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX**, discorda da idéia de que nação seja um fenômeno *puramente* moderno e aponta a existência dos mecanismos de harmonização e de apaziguamento das diferenças já na formação das grandes unidades que se desenvolveram na Europa ocidental, depois da queda de Roma e da subsequente desintegração do império carolíngio. Ao insistir nas raízes históricas da nação moderna, Guibernau salienta que “a estrutura dentro da qual a consciência nacional e a noção de pátria evoluíram na Europa estava estabelecida por volta do ano 1100”. (Guibernau, 1997, p. 59)

É evidente que Guibernau não está se referindo apenas à origem do estado nacional reconhecido como unidade de um poder político por excelência, mas pensando esse estado a partir das raízes históricas de comunidades que se transformaram em nação e que, mais tarde, puderam ou não converter-se em estados nacionais (Guibernau, 1996, p. 59). Por essa razão, ao se referir ao caráter político do nacionalismo, Guibernau propõe uma distinção conceitual básica entre nação, estado, estado-nacional e nacionalismo.

Por outro lado, ao questionar o conceito de *nações naturais*, proposto por Schleiermacher e Herder, comparando-as com as *nações modernas*, vistas como projetos políticos que desestabilizam formas de lealdade e de identidade de grupo, Guibernau ressalta os mecanismos de controle e violência acionados pelo poder, vendo-os como instituições típicas do estado nacional. A distinção que a autora faz entre nação e estado-nacional, ainda que reconhecendo o fato de que, na prática, a diferença entre os dois termos não se mostra com tanta clareza, é importante para a indagação sobre a permanência das resistências identitárias no interior dos projetos nacionais e em textos literários que formalizam a ambivalência da nação.

É, todavia, num cenário em que, como acentua Le Goff, se aceleram os movimentos migratórios e os contatos entre culturas, que os processos de silenciamento das divergências devem ser analisados, insistindo-se em se ouvirem as zonas de conflito.

A visão de Frantz Fanon (1961) sobre a falência dos projetos nacionais, construídos a partir da ótica burguesa, reconhecida como unidade de poder político, propicia retomar a imagem da compartimentação do mundo colonizado, para se pensar nas narrativas de nação. Para tanto, é pertinente considerar que é através da

metáfora de Babel que nação e narrativa fundacional devem ser entendidas em suas contradições. É Babel, em seus diferentes sentidos, e não o “muezin no minarete” ou o “sacerdote no púlpito”, como nos lembra Hugo Achugar, a imagem que nos possibilita acessar os “lugares” e problemas vivenciados pelas culturas (Achugar, 1996). É Babel que se inscreve nas narrativas de fundação, mesmo quando fazem coro para o discurso hegemônico da nação, pois que, ainda assim, deixam aflorar imagens geradas pelo que falta ou pelo se perdeu, conforme salienta o Prof. Wander em seu texto.

Para se pensar nos conflitos inevitáveis entre o global e o local, e nas manifestações da diversidade que acompanham as operações da mundialização, proponho que se recorra à reflexão feita por Édouard Glissant, da Martinica. Retomando questões básicas do pensamento de Frantz Fanon, também martinicano, Glissant as desloca para a situação atual das relações culturais, na era da globalização. Por seu lado, procura discutir os projetos de nação pelo viés do que ele denomina de *opacidade*, tomada como signo de resistência aos mecanismos daquilo que Fanon denominou de “princípio de exclusão recíproca”, gerador da “constelação do delírio”, que mediatiza as relações de poder no espaço colonial (Fanon, apud Bhabha, 1995). Assim, a *opacidade* seria, ao mesmo tempo, um elemento da *criolização* dos espaços em que há acentuada presença da herança cultural africana e uma forma de resistência à homogenização defendida pelos projetos nacionais e também pela globalização.

Em Glissant, os conceitos de *identidade raiz* e de *identidade relação* viabilizam a releitura do universo da oralidade e propiciam a elaboração do conceito de “chaos-monde”, mundo-caos, pensado como distensão das dualidades ordem/desordem, oralidade/escrita. Com esse conceito o teórico investiga tanto as representações do imaginário de nação, quanto as que se elaboram no universo da Plantação, investigada como “uma espacialidade transformada e socialmente concretizada” (Soya, 1993). A partir daí faz da criolização o significante por excelência das relações culturais.

Diferentemente de outros teóricos nacionalistas periféricos, Glissant opera com uma significação mais ampla das tensões culturais, a partir das quais organiza a sua **Poética da relação**. No cenário atual proposto pela globalização, as diferenças silenciadas pelo discurso hegemônico da nação são retomadas para se pensar nas “zonas de instabilidade oculta” de que fala Frantz Fanon, quando analisa o sistema colonialista, mas não para se fixar nelas. Investigando os pontos de opacidade de sua cultura, o escritor ultrapassa os limites da nação martinicana e os da grande nação francesa, para construir uma visão de *coletividade*, que, próxima da de *mestiçagem* e da de globalização, não se quer em equivalência com elas. Na **Poética da relação**, a identidade cultural deixa de ser pensada como um dado da história íntima de cada grupo, de cada etnia, de cada nação, para ser percebida nos deslocamentos, no trânsito, na errância, na “dimensão cambiante e perdurável de toda mudança e de toda troca”. (Glissant, 1996, p. 25)

Neste trabalho, a retomada da reflexão sobre nação se faz, portanto, a partir

de dois pontos de vista. O de Guibernau, que ressalta a permanência das diferenças marcantes entre os grupos étnicos incluídos nos estados nacionais e da defasagem econômica e cultural entre elite e as camadas excluídas como elementos dos conflitos do mundo atual. O de Édouard Glissant que, como vários teóricos dos chamados espaços periféricos, procura pensar os conflitos referidos por Guibernau a partir do espaço mesmo de sua produção. A contraparte prática é fornecida pela literatura produzida por escritores africanos como Luandino Vieira e Mia Couto, para se falar apenas em nomes mais conhecidos no Brasil. O primeiro, de Angola, o segundo, de Moçambique, ambos leitores confessos da literatura brasileira e influenciados pela escrita de Guimarães Rosa, propõem-se investir no trabalho com a linguagem, “nos atropelos que se possam fazer à língua clássica, à língua erudita”, como bem acentua Luandino Vieira, para elaborar uma dicção política e subversiva que transgride a dimensão enunciativa dos textos.

Pretendo me referir, de forma muito sucinta, a textos dos autores citados, que se elaboram a partir de uma tensão que se estabelece no interior do código lingüístico, no sistema da língua portuguesa, mas que, ainda assim, poderiam ser vistos como narrativas de nação. Refiro-me, principalmente, a **João Vêncio: os seus amores**, publicado em 1979, e a **Lourentinho, Dona Antônia de Sousa Neto & eu**, de 1981, ambos de Luandino Vieira.

Em João Vêncio e na primeira novela de Lourentinho, “Kinaxixi Kiami”, a recuperação da memória é o traço que pode aproximar as duas narrativas. A figura de um narrador que elabora no espaço da prisão o seu relato é outro ponto que se relaciona nos dois textos. Um homicida, sexopata, sádico-hereje, acusado de homicídio frustrado é o narrador de João Vêncio; um assassino de um engenheiro que o obrigara a derrubar uma mafueira, o da novela Kinaxixi Kiami. As duas personagens aludem, de certa forma, ao tempo de prisão do escritor, no Tarrafal. Mas referem-se, em forma metafórica, à irremediável condição das nações emergentes, cujos projetos evidenciam, de forma mais intensa, as zonas de intensa instabilidade, os labirintos da construção babélica da nacionalidade.

A fala de João Vêncio, calcada em histórias contadas por um marinheiro, pervertido, que falava mal português misturado com quimbundo, inglês, espanhol, numa linguagem fabulosa, transforma-se “numa panorâmica muito lírica do homem do mundo colonial dividido, fragmentado”, como testemunha o autor. Por esse viés, o caso individual é redimensionado pelo coletivo que, entretanto, não se ajusta à visão triunfalista do discurso da nação emergente, embora esta também se fale no texto. Uma colagem de discursos, um “colar de cores amigadas” – metonímia da narrativa de João Vêncio – se elaboram, de certo modo, como uma *poética da relação*, uma vez que delineiam percursos em rede, amarrações, nos quais a memória deixa de escavar apenas um tempo no passado, para se recompor numa espacialidade. Operando num registro que denuncia, de um modo bem peculiar, a “instabilidade dos regimes de identificação” de que fala o prof. Wander, João Vêncio se deixa pos-

suir por uma fala alucinada, que é, ao mesmo tempo, signo e emblema uma vez que informa sobre (in)significâncias e anuncia, ainda que ilusoriamente, a possibilidade de resgate do que já não é mais. Daí que é sintomático o fato de que o narrador, em regime de exceção, na *quionga*, preso, construa um relato povoado por lampejos de terra, colo, aconchego, toques e cheiros, muitos cheiros, mas sempre deslocados, sempre em movimento: “tem a quinda, tem a missanga. Veja: solta, mistura-se: não posso arrumar a beleza que eu queria”. (p. 13)

Diferentemente do resgate da memória que se configura pela linearidade, Luandino nos apresenta um texto crispado, que insiste numa infinidade de linhas de fuga, em giros, em interrogações: “Agora o mudié me diga ainda: ser e não ser, ao mesmo tempo, pode-se? Gostar e não gostar, dor e alegria, água e fogo?”. (p. 31)

Na ânsia de suturar uma falta angustiante que mais se evidencia no contato com as leis e normas que o condenam, João Vêncio fala de amores, que transitam pelas modulações de sua voz, escorregando em interditos, escorando-se provisoriamente nos sons e vozes desarticulados, facilmente percebidos em sua fala. Por isso, ao mesmo tempo em que se lança no passado, nele se perde, pois esse é um lugar de falsa ancoragem, um porto nenhum. Querendo-se inteiro, João Vêncio se anuncia outros, muitos, e é esse corpo sempre provisório que emblematiza o corpo plurissonante das culturas heterogêneas. Na narrativa, revolvem-se restos e resíduos, cacos que não podem ser restaurados, pois que são estilhaços, dilacerações significantes. É, pois, no percurso da cegueira do olho furado dos pássaros, *com a agulha de Maristrêla* (p. 21), no timbre de uma fala que se anuncia na ordem do canto, ou no tateamento, que estranha o gesto autoritário, que se modelam os contornos da terra, o mapa ondulante de lugar, lugares, paisagens, em toda a sua desigualdade. A nação emergente mostra-se em *desassossego* no seu próprio projeto.

De certa forma é possível dizer que o “ritual de revificação” que Wander Miranda percebe em “Coleção de cacos” de Drummond, está também em alguns textos de Luandino Vieira, mas de forma angustiada, pois, em vez da fixação narcísica do adulto na criança de si mesmo, impõe-se a abertura ao outro, a inscrição da dúvida, da interrogação e a impossibilidade de certezas ainda que ilusórias.

Por outro lado, no conto *Kinaxixi Kiami!* que se delinea, como o próprio autor nos diz, como uma “peregrinação interior e geográfica de um mestiço”, várias interrogações presentes em João Vêncio são retomadas; a questão da identidade é outra vez um lugar povoado de angústia:

Em Kinaxixi fui nascido; lá morri; e me ressurgiram. Hoje nem sou mais sonho de nossa lagoa. Mas tempo teve nem nome eu que tinha, não usava coleira de papel. Era o eu; o tu; o ele-mais nada. (Vieira, 1991, p. 12)

Esse ritual de desindividuação do sujeito e do lugar da enunciação de seu discurso está marcado por movimentos que procuram significar a dissolução irreme-

diável dos sentidos alocados, a pulverização do significante, possibilitando as manifestações de uma língua sem dono, *prostibruta*, perturbadora, caótica, babélica, que “não está lá no Génesis, com todas as letras, efes-e-erros (...)”. (Vieira, 1991, p. 20)

A construção da narrativa de significação individualista é, nessa novela, como em João Vêncio, problematizada. Mas não basta deslocar o “eu”, substituí-lo pelo coletivo; o movimento que orquestra este tipo de texto e caracteriza sua feição literária, não se restringe à simples permuta da voz enunciativa. O movimento se faz em avanços e recuos: parece recompor, soldar, para novamente se soltar, deslocar, em sucessivos torneios suplementares. No corpo do texto, inscrevem-se giros, sempre giros, mas em espirais. O desconcerto nessas narrativas, ao desalojar uma perspectiva individualista, não instaura, contudo, o império do coletivo; antes, aponta para a impossibilidade de qualquer harmonização, de qualquer contorno fixo, já que os percursos estão inscritos na inquietação, no transtorno, significantes de “zonas de instabilidade”, que qualquer projeto de nação deseje ocultar:

Superstições gentias? Me cacimbou todo era com água-benta da missa da Missão de São Paulo, mamã. E fazíamos pelo-sinal. Contudo, desculpe: o problema sempre não é esse – se sereia existe. Todo o problema é só um teorema: pessoa existe? De verdade mesmo – dono e patrão e escravo, sua a vida por conta e risco, livre de nada mais? (Vieira, 1991, p. 16)

Por isso, nessas narrativas e também em outras de Mia Couto, de Moçambique, observa-se a insistência em personagens que muito falam para aparentemente nada significar, pois que “falar é babélica maldição” (Vieira, 1991, p.20). As certezas são antes *incertitudes*, trevas de solidão, interrogações, perguntas sem respostas.

Ainda que essas personagens possam por vezes ser identificadas com o narrador benjaminiano, ou com a tradição dos *griots*, numa cultura em que a oralidade sacraliza os relatos de sabedoria, são antes instâncias de dúvida, lugar de profundos conflitos. Esses narradores, construídos em espaços de tradição ancestral, não contam histórias exemplares, pois só podem falar de perplexidades e de espantos. Expressam a ânsia de soltar uma fala reprimida, os sons *desinventados*, os barulhamentos, a profusão sonora do caos. Do caos-mundo, como nos diz Glissant. É nesses movimentos sem direção marcada, sem porto de chegada, porque todas as certezas se mostram como miragens, que se inscrevem as histórias de João Vêncio, as de Lourentinho e também a do preso sem nome do conto “Afinal Carlota Gentina não chegou de voar?”, de Mia Couto. Em todas essas histórias, a pontuação da identidade se faz pela interrogação de incertezas, pelo sentimento da fragmentação, pela experiência de um *corpo crioulo*, no sentido apontado por Glissant, que se manifesta por gestos, voz, gritos, ruídos, palpitações, assumidos pela escrita. Uma “falescrita” em que o corpo da personagem se quer em ressonância não apenas com um espaço cultural identificado, mas com a “simultaneidade e a extensão dos acontecimentos e das possibilidades” (Berger, apud Soya, p. 31).

Referências bibliográficas

- ACHUGAR, Hugo. Repensando la heterogeneidade latinoamericana; a propósito de lugares, paisajes y territorios. **Revista Iberoamericana**. v. 62, n. 176-177, p. 845-861, jul./dic. 1996.
- BHABHA, Homi K. **The location of culture**. London: Routledge, 1994.
- COUTO, Mia. **Vozes anoitecidas**; contos. Lisboa: Caminho, 1987. Afinal, Carlota Gentina não chegou de voar?
- FANON, Frantz. **Les damnés de la terre**. Paris: Gallimard. 1961.
- FOUCAULT, Michel. Of other spaces. **Diacritics**, n. 16, p. 22-27, 1986.
- GLISSANT, Édouard. **Introduction à une poétique du divers**. Paris: Gallimard, 1966.
- GUIBERNAU, Montserrat. **Nacionalismos**; o estado nacional e o nacionalismo no século XX. Trad. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- LABAN, Michel. **Encontros com Luandino Vieira, em Luanda**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LE GOFF, O desafio da mestiçagem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 set. 1997. 5º Caderno.
- SOYA, Edward W. **Geografias pós-modernas**; a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- VIEIRA, José Luandino. **João Vêncio**; os seus amores. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1987.
- VIEIRA, José Luandino. **Lourentinho, Dona Antónia de Souza Neto e eu**. Lisboa: Edições 70, 1991. Kinaxixi Kiami!

Não importa, por isso, que as questões formuladas ao interlocutor (o muieté, em João Vêncio, o companheiro de prisão em Kinaxixi Kiami, o representante da lei em Carlota Gentina) sejam respondidas. O lugar da prisão, sendo o espaço das impossibilidades, é também um dos pontos da “rede que liga pontos e faz intersecções” (Foucault, apud Soya, p. 17). É nesse sentido que deve ser entendida a fala do narrador do conto Carlota Gentina, de Mia Couto, quando diz: “Porque dentro de mim, não sou sozinho. Sou muitos. E esses todos disputam minha única vida”. (p. 85)

Numa dicção mais coletiva, menos personalista, sempre deslocada, no entanto, a narrativa de nação, pelos menos em muitos exemplos da produção literária das Antilhas francesas e da África portuguesa, espaços das margens, periféricos, pode propiciar a retomada de questões que dizem respeito a modos diferenciados de percepção da cultura, como algo constantemente em processo, em construção de simultaneidades. Este tipo de literatura, por insistir no provisório, na precariedade dos signos, acata em sua feitura, os deslocamentos, as transgressões, mesmo quando parece atrelada a projetos identitários e de afirmação de nacionalidades.

RÉSUMÉ

This paper discusses the relationship between Literature and Nation taking as reference the impressing literary tendencies from African Portuguese language Literature.

Aspects from this Literature are brought up showing at the work with language the intense conflicts between the Nation project and the manifestations of ancestral tradition.

Referências bibliográficas

- ACHUGAR, Hugo. Repensando la heterogeneidade latinoamericana; a propósito de lugares, paisages y territorios. **Revista Iberoamericana**. v. 62, n. 176-177, p. 845-861, jul./dic. 1996.
- BHABHA, Homi K. **The location of culture**. London: Routledge, 1994.
- COUTO, Mia. **Vozes anoitecidas**; contos. Lisboa: Caminho, 1987. Afinal, Carlota Gentina não chegou de voar?
- FANON, Frantz. **Les damnés de la terre**. Paris: Gallimard. 1961.
- FOUCAULT, Michel. Of other spaces. **Diacritics**, n. 16, p. 22-27, 1986.
- GLISSANT, Édouard. **Introduction à une poétique du divers**. Paris: Gallimard, 1966.
- GUIBERNAU, Montserrat. **Nacionalismos**; o estado nacional e o nacionalismo no século XX. Trad. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- LABAN, Michel. **Encontros com Luandino Vieira, em Luanda**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LE GOFF, O desafio da mestiçagem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 set. 1997. 5º Caderno.
- SOYA, Edward W. **Geografias pós-modernas**; a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- VIEIRA, José Luandino. **João Vêncio**; os seus amores. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1987.
- VIEIRA, José Luandino. **Lourentinho, Dona Antónia de Souza Neto e eu**. Lisboa: Edições 70, 1991. Kinaxixi Miami!